

que a condição melancólica do viajante é dada pela forma como este, provavelmente sozinho, encara o aparelho, ou pelo modo como se olha para algo que, num céu vazio, atravessa as nuvens (as mesmas que povoam as pinturas e esbatem o contorno das suas formas).

Diferindo no modo como surgem e na forma como se dão a ver, as obras diligenciam uma sucessão de diferentes olhares. Convocando e afastando o visitante do plano da imagem, a exposição problematiza a vibração da pintura e do desenho, pensando a forma como o seu cruzamento ensaia novas leituras. Algo que se estabelece no diálogo entre o que está ao longe e o que fica ao perto, entre o que nos move para baixo e o que nos dirige ao alto, no todo e na parte, no que se alarga e no que se focaliza, na síntese e na saturação.

Com base nos escritos de Müller, mas revendo os parâmetros do imaginário romântico, Calapez e Conefrey trabalham o contrário como complementaridade, substituindo o confronto pela subversão e a sujeição pelo envolvimento.

Um estranho aqui cheguei

Pedro Calapez, Alexandre Conefrey

18.9 – 14.11.2021

Galerias Municipais – Pavilhão Branco
Jardim do Palácio Pimenta
Campo Grande, Lisboa
Terça a domingo: 10h-13h e 14h-18h
Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

As condições de visita das nossas galerias
estão sujeitas às normas de segurança da
Direção-Geral da Saúde.

curadoria

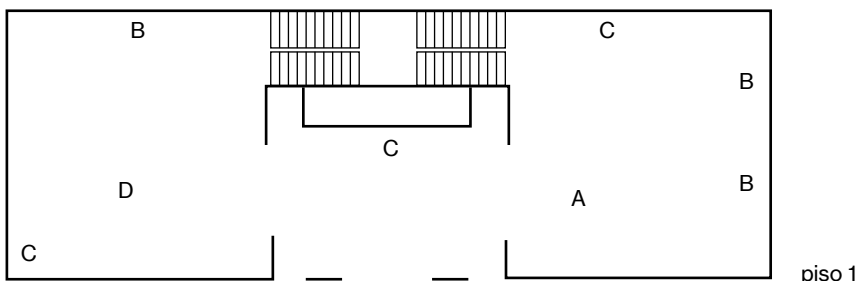
Sérgio Fazenda Rodrigues

WWW.GALERIASMUNICIPAIS.PT

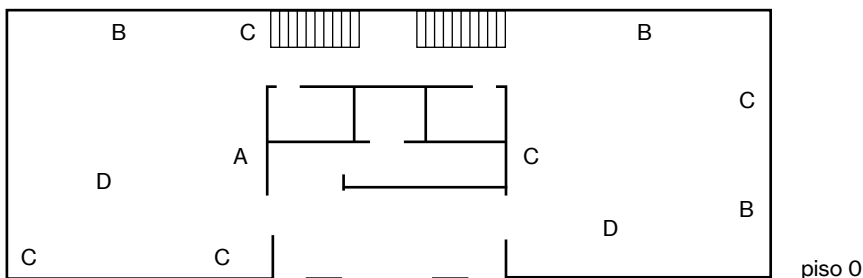
 **EGEAC**
LISBOA

 **galerias
municipais**

Pavilhão Branco



piso 1



piso 0

A
Pedro Calapez
Um estranho aqui cheguei #1, 2021
 acrílico e óleo sobre tela
 150 x 100 cm
 Cortesia do artista e da Galeria Belo-Galsterer

B
Pedro Calapez
Um estranho aqui cheguei #3, 5 a 9, 2021
 óleo sobre painel de alumínio
 150 x 300 cm
 Cortesia do artista e da Galeria Belo-Galsterer

C
Alexandre Conefrey
sem título #1 a 25 (Série Zepelim), 2021
 grafite sobre papel
 52 x 44 / 45 x 64 cm
 Cortesia do artista e da Galeria 111

D
Alexandre Conefrey
sem título #1 a 19, 2021
 técnica mista sobre papel
 17 x 24 cm
 Cortesia do artista e da Galeria 111

A exposição “Um estranho aqui cheguei”, surge do interesse que os artistas Alexandre Conefrey e Pedro Calapez têm pelos escritos de Wilhelm Müller, que deram origem à obra literária *Winterreise* (Viagem de Inverno). Este conjunto de poemas, compostos entre 1822 e 1824, e musicados por Schubert em 1827, narram o trajeto de um viajante que encontra no mundo um espelho do seu conturbado estado de alma.

Ancorando-se ao paralelismo entre a dimensão física e espiritual da viagem, a exposição investiga um diálogo entre o trabalho dos artistas, o local que o acolhe, e o percurso do observador, revendo o espírito romântico que lhe está na origem. Assim, as obras encadeiam-se entre elas, numa articulação com o céu e as árvores do entorno, mas afastam-se de um registo ilustrativo evitando uma narrativa que as limite aos escritos de Müller.

As pinturas de Pedro Calapez, de grande dimensão, e as pinturas de Alexandre Conefrey, de pequeno formato, adoptam tonalidades escuras e partilham uma ambiência esfumada e meditativa. No entanto, se as primeiras se desenvolvem pela justaposição de duas cores, deixando perceber a persistência da tinta, a acção do corpo e a imagem que assim se configura, as segundas absorvem um conjunto alargado de pigmentos coloridos que, entre si, apagam a presença de quem os juntou.

As pinturas de Calapez detêm uma dimensão panorâmica que absorve o observador e horizontaliza o seu olhar. Estas obras surgem como ecrãs que, introspectivamente, puxam a atenção e expandem o campo de visão, sugerindo um grupo de imagens que emerge do fundo para a superfície. Operando sobre a ideia do caminho, da memória e do seu desvanecer, e assomando-se como marcação de desenho sobre (com) a pintura, Calapez delinea contornos, linhas e manchas que sugerem caminhos, bosques, escadas ou passagens, que rapidamente se dissipam.

Contrapondo-se pela sua natureza, mas também pela instabilidade, dimensão e posicionamento, as pinturas de Alexandre Conefrey surgem como pequenos apontamentos de cor, delicadamente suspensos no ar. O olhar focaliza-se no interior de cada composição e deambula, periféricamente, por todas as outras que a acompanham. Assumindo uma lógica de sobreposição, a organização do todo ecoa a natureza de cada parte e as imagens migram, aqui, por oposição, da superfície para o fundo.

Os desenhos de Conefrey apresentam-se, por fim, como uma terceira camada que interliga e propela o conjunto. Estes registos negam a cor, exibem a figura de um Zepelim e mostram uma mancha que surge como o rasto de uma deslocação.

Guiando-nos a uma leitura da imensidão celeste, o Zepelim traduz o esforço ou a vontade de quem ambiciona dominar o meio (de quem cruza o firmamento para, por ele, não se ver limitado). Deste modo, dir-se-ia